PARA A HISTÓRIA ECLESIÁSTICA DO CEARÁ

Os Bispos de Fortaleza

FERNANDO CÂMARA
Do Instituto do Ceará

Somente no pontificado de Pio IX, o mais longo de toda a história, pois governou a Igreja de 1846 a 1878, foi que a então Província do Ceará tornou-se diocese, através da Bula "Pró Animarum Salute" de 1854. Até então, a Igreja cearense encontrava-se ligada à de Pernambuco, sendo administrada através dos seus Visitadores ou Procuradores.

Ao que nos consta, apenas um Bispo de Pernambuco visitou pastoralmente o Ceará, D. João da Purificação Marques Perdigão, que se tornou conhecido como um dos mais dinâmicos pastores do sólio pernambucano no século passado.

Esteve em nossa Província em 1839 e recebeu homenagens da Assembléia Provincial, em sessão solene realizada no dia 16 de agosto daquele ano, sendo ali saudado pelo Deputado-Padre Manuel Pacheco Pimentel. Criada a diocese cearense em 1854, permaneceria Sede Vacante até 1861, porque pelo Decreto Imperial de 27 de setembro de 1855, fora indicado para a nova sede episcopal, o Pe. João Querino Gomes, lente de latim do Seminário Provincial da Bahia, o qual recusando a mitra, ocasionou demora na escolha de outro nome.

Contando já com uma existência de 120 anos, como sede de bispado, apenas seis, foram os Pastores que ocuparam o sólio cearense: D. Luiz Antônio dos Santos, D. Joaquim José Vieira, Dom Manuel da Silva Gomes, D. Antônio de Almeida Lustosa, D. José de Medeiros Delgado e agora D. Aluísio Lorscheider. Temos satisfação em fazer um esboço biográfico dos eminentes Pastores, que, com muita dignidade e honra para nós, chefiaram a Igreja cearense, desde a instalação da nossa diocese, posteriormente promovida a arquidiocese, até o presente ano:

1.º BISPO

Em D. Luiz Antônio dos Santos, fluminense de Angra dos Reis, onde nasceu no dia 13 de março de 1817, tivemos o primeiro bispo da igreja cearense, cuja diocese abrangia todo o território da então

Província. Aluno do tradicional Seminário do Caraça, em Minas Gerais, recebeu o presbiterato das mãos de D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo (Conde de Irajá), Bispo do Rio de Janeiro, em 21 de setembro de 1841.

A fim de aprimorar os seus conhecimentos e por determinação do Bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, seu superior hierárquico, viajou para a Cidade Eterna em companhia de dois colegas, futuramente também seus companheiros de episcopado: D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro e D. João Antônio dos Santos, Bispo de Diamantina.

Desempenhava as funções de Cônego da Catedral de Mariana, quando foi surpreendido pelo Decreto Imperial de 31 de janeiro de 1859, nomeando-o Bispo do Ceará. Coube ao Bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, a grata satisfação de sagrar o seu discípulo, em 14 de abril de 1861, e, por procuração conferida ao Cônego Antônio Pinto de Mendonça, vigário de Quixeramobim, assumiu D. Luiz o governo da diocese cearense no dia 16 de julho daquele mesmo ano.

Desembarcou em Fortaleza a 26 de setembro de 1861, e a 29 do dito mês, festa de S. Miguel, fez a sua entrada solene na catedral. Encontrando um clero escasso e decaído, como bem se expressou Mons. Bruno Figueiredo em seu livro "Os primeiros Bispos do Ceará", tratou logo da fundação do Seminário, do qual exerceu a reitoria até a chegada dos padres lazaristas.

Posteriormente, conseguiu a vinda das Irmãs de Caridade, para educar as futuras mães cearenses.

O Seminário do Crato foi também fruto de seu fecundo episcopado, e a sua construção o levou repetidas vezes ao Cariri. Incentivou as missões nos sertões do Ceará, e sob os seus auspícios, a nossa Província recebeu a visita dos grandes pregadores, Frei Serafim de Catânia e Padre Ibiapina, cuja fama de missionários ainda hoje repercute no Nordeste brasileiro.

Tomou parte no Concílio do Vaticano em 1870, e nessa viagem à Cidade Eterna se fez acompanhar do Reitor do Seminário, Padre Pedro Augusto Chevalier. Durante o seu episcopado, teve a alegria de sagrar bispo o primeiro sacerdote cearense ordenado no Seminário da Prainha: D. José Lourenço Costa Aguiar eleito para a recém-criada Diocese do Amazonas.

Era sua intenção terminar os seus dias nas plagas cearenses, mas a repercussão de seus feitos aqui na Província foi grande, e quando menos se esperava, foi transferido por decreto imperial de 13 de maio de 1881, para a Sede Primacial da Bahia. Anteriormente, já havia recebido de Sua Majestade Imperial o título de Mar-

quês de Monte Paschoal. Faleceu na Capital baiana em 1899, e só no Ceará conferiu o presbiterato a 208 sacerdotes.

2.º BISPO

Não foi difícil para a Santa Sé a nomeação de um sucessor dinâmico para substituir D. Luiz Antônio dos Santos na chefia da Igreja cearense, e o indicado pelo Governo Imperial foi o Padre Joaquim José Vieira — o Padre Vieirinha — como se tornou conhecido na cidade de Campinas, em S. Paulo. Desenvolvia ali uma intensa obra de assistência social e gozava da grande estima dos campinenses que lhe devotavam verdadeira admiração e apreço. Homem de fibra e austeridade, há quem diga que a sua designação para o cargo se deveu a uma atitude assumida quando da visita do Imperador Pedro II àquela cidade.

Não compareceu à recepção, e, depois, na presença do próprio monarca, teria dito que lhe repugnava apertar a mão de um imperador que assinara decretos de prisão contra dois bispos brasileiros. Referia-se aos bispos de Pernambuco e Pará, respectivamente, D. Frei Vital Maria Gonçalves e D. Antônio Macedo Costa, vítimas da moçanaria e condenados a cumprir penas nas fortalezas de S. João e Santa Cruz.

O Imperador, reconhecendo a fibra daquele dinâmico sacerdote paulista, na primeira oportunidade que se apresentou, o indicou para o Bispado do Ceará. Sua sagração episcopal ocorreu na Capital paulista, em 9 de dezembro de 1883, oficiada por D. Lino Adeodato Rodrigues de Carvalho, Bispo de S. Paulo e natural de Russas, neste Estado.

A exemplo de seu ilustre antecessor, tomou posse da Diocese por procuração, outorgada ao Mons. Hipólito Gomes Brazil, Vigário Capitular, e quando chegou a nossa Província, não lhe foi difícil continuar a maravilhosa obra iniciada por D. Luiz Antônio dos Santos. Novas famílias religiosas se estabeleceram no Ceará, e dentre estas, destacamos os capuchinhos italianos que passaram a administrar a Igreja do Coração de Jesus, até então confiada ao Pe. Antônio Xisto Albano, futuro Bispo do Maranhão. Também em Canindé, os filhos de São Francisco receberam o encargo da Paróquia e de sua Basílica, até o ano de 1926, quando foram substituídos pelos franciscanos menores.

Enfrentou com muito desassombro a questão religiosa de Juazeiro, criou novas Paróquias no interior cearense e reconstruiu o Seminário da Prainha, quando de um desmoronamento provocado por rigoroso inverno.

A fim de dar uma assistência condigna aos sacerdotes quando não tivessem mais condições de desempenhar a sua missão religiosa, instituiu a União do Clero, órgão de caráter previdenciário, ao qual se filiariam todos os padres da Diocese.

Em 1890 recusou a mitra do Rio Grande do Sul, e novamente em 1897, declinou do convite feito por Mons. Guidi, Encarregado dos Negócios da Santa Sé no Brasil, para o arcebispado de S. Paulo. Mais tarde, sentindo-se cansado e com a idade um tanto avançada, requereu e obteve da Santa Sé a designação de um Bispo Auxiliar, cuja escolha recaiu na pessoa de D. Manuel de Oliveira Lopes, que não se adaptando bem ao nosso clima pouco se demorou, sendo transferido para o Bispado de Maceió. Outro auxiliar foi novamente indicado para colaborar com D. Joaquim no governo da diocese cearense: D. Manuel da Silva Gomes, integrante do clero baiano, de cuja catedral metropolitana era Cônego.

Tão logo o novo prelado se empossou no cargo e se inteirou de todos os problemas da Diocese, tratou D. Joaquim de apresentar a sua renúncia, o que fez em 14 de março de 1912, e, em 8 de dezembro daquele ano, já empossava na antiga catedral, D. Manuel da Silva Gomes, como seu sucessor no Bispado do Ceará.

3.° BISPO (1.° ARCEBISPO)

Dom Manuel da Silva Gomes era natural de Salvador, onde nasceu no dia 14 de março de 1874. Admitido muito jovem no Seminário daquela Capital, veio a receber o presbiterato em 15 de novembro de 1896, e, notabilizando-se pela sua oratória, foi pouco tempo depois agraciado com o título de Cônego do Cabido da Bahia. Com a transferência de D. Manuel de Oliveira Lopes para o Bispado de Maceió, veio a sucedê-lo como Bispo Titular de Popsuestia e Auxiliar do Bispo do Ceará.

Juntamente com D. Miguel Valverde, mais tarde Arcebispo de Olinda e Recife, recebeu a sagração episcopal, que lhe foi conferida por D. Jerônimo Thomé da Silva, Arcebispo Primaz da Bahia e ilustre cearense de Sobral.

Com a renúncia de D. Joaquim José Vieira, assumiu em caráter efetivo a diocese cearense em 8 de dezembro de 1912. Logo nos primeiros anos de seu episcopado, enfrentou a terrível seca de 1915, quando peregrinou até ao sul do País, implorando auxílios junto aos poderes públicos e até mesmo dos colegas mitrados. Tal atitude lhe grangeou logo a estima e a veneração do povo cearense, inclusive dos próprios inimigos da Igreja.

O jornal "O Nordeste", diário vespertino que veio a desaparecer há alguns anos, e o Banco de S. José, hoje Banco Popular de Fortaleza S/A, foram realizações do saudoso D. Manuel, que também iniciou com o venerado Padre Guilherme Vaessen o movimento circulista em nosso Estado.

Pleiteou e conseguiu da Santa Sé a criação das dioceses de Crato e Sobral, e posteriormente, a de Limoeiro do Norte, cujo primeiro bispo, D. Aureliano Mattos, recebeu de suas mãos a plenitude episcopal. Com a instalação dos Bispados de Crato e Sobral, criados respectivamente pelas Bulas "Catholicae Eclesiae" e "Catholicae Religionis Bonum" do Papa Bento XV, foi o Ceará elevado à categoria de Arcebispado e o seu pastor, D. Manuel da Silva Gomes a 1.° Arcebispo de Fortaleza.

Em 1923, a Santa Sé reconhecendo os seus relevantes serviços prestados à Igreja Católica, o nomeou Assistente do Sólio Pontifício, outorgando-lhe também o título nobiliárquico de Conde.

Por motivos de saúde e idade, renunciou ao arcebispado cearense em 1941, recebendo então o título de Arcebispo Titular de Viminácio. De todos os bispos que chefiaram a igreja cearense, foi o único que aqui faleceu, fato este, ocorrido em 14 de março de 1950, data por coincidência de seu aniversário.

Teve sepultura na cripta da catedral.

4.° BISPO (2.° ARCEBISPO)

Dom Antônio de Almeida Lustosa, sacerdote da congregação de S. João Bosco, foi antes de tudo, um homem santo e de uma simplicidade sem par. Dotado de sólida cultura, foi autor de várias obras literárias, e, em sua congregação desfrutava de grande conceito como educador e administrador. Natural de S. João D'El Rei, em Minas Gerais, nasceu em 11 de fevereiro de 1886, e, ingressando no Seminário Salesiano de Lorena, veio a professar solenemente, no dia 29 de janeiro de 1909.

Sua ordenação sacerdotal ocorreu na cidade de Taubaté, em 28 de janeiro de 1912, oficiando a cerimônia, o Bispo Diocesano D. Epaminondas Nunes de Ávila. Até a sua ascensão ao episcopado, dedicou as suas atividades religiosas em diversas casas de formação mantidas pela Congregação Salesiana.

É digno de menção o seu superiorato no Colégio São Joaquim, em Pernambuco, onde não só saneou as finanças, como projetou a casa no seio da Província Salesiana. Isto ouvimos de um padre salesiano, quando estudante do Colégio Domingos Sávio, em Baturité. Eleito para dirigir a Diocese mineira de Uberaba em 4 de julho de

1924, foi sagrado Bispo em sua terra natal a 11 de fevereiro do ano seguinte, data de seu natalício, oficiando a imponente cerimônia, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana.

Sua permanência naquela cidade do Triângulo Mineiro seria apenas de três anos, porque, a 17 de dezembro de 1928, a Santa Sé o transferiria para o Bispado de Corumbá, em Mato Grosso, e, segundo dizem a seu pedido.

Tomou posse em 1929. Menos tempo ainda permaneceu nessa cidade, tendo em vista a sua promoção ocorrida a 10 de julho de 1931, para Belém do Pará, em cuja Catedral se empossou solenemente, no dia 15 de novembro de 1931. Percorreu pastoralmente a sua imensa arquidiocese, visitando regiões inteiramente desconhecidas pelos seus antecessores.

Mais de uma vez foi acometido de impaludismo e béri-béri, doenças típicas da região amazônica, o que a conselho médico, o obrigou a procurar o clima ameno do Ceará, para seu completo restabelecimento.

Imprimiu um novo sentido religioso ao Círio de Nazaré, festividade máxima do povo paraense, e cuja tradição já remonta a mais de dois séculos e meio. Para a direção do Seminário Arquidiocesano trouxe os padres salesianos, seus antigos companheiros de congregação religiosa. Escreveu um importante livro sobre a personalidade de D. Antônio Macedo Costa, um dos seus mais ilustres antecessores no sólio paraense, e também diversos apontamentos a cerca da faúna e da flora da Amazônia.

Com a renúncia de D. Manuel da Silva Gomes na chefia da Igreja cearense, foi designado para seu sucessor, a 19 de julho de 1941. Desembarcou em Fortaleza no dia 5 de novembro, sendo recebido pelas mais destacadas autoridades de nosso Estado, tendo à frente o então Interventor Federal Dr. Menezes Pimentel.

Na Igreja do Pequeno Grande tomou posse às 19,30 horas daquele dia, e, em seu primeiro pronunciamento como Arcebispo de Fortaleza, falou com tanta humildade e simplicidade, que cativou de imediato a simpatia e a admiração do povo cearense.

Teve a desdita de enfrentar logo no ano seguinte a seca de 1942, quando escreveu então a sua célebre Carta Pastoral abordando o angustioso problema. O jornal "O Nordeste" contou sempre com o seu decidido apoio e a sua colaboração através de crônicas sobre variados assuntos, e, em estilo que agradava a todos.

Reconhecendo as suas qualidades intelectuais, o "Instituto do Ceará" o admitiu entre os seus membros, na cadeira anteriormente ocupada por Demócrito Rocha. Saudou-o em nome da entidade

cultural, o saudoso quixeramobiense, Dr. Andrade Furtado, uma das maiores figuras do catolicismo cearense.

As visitas pastorais realizadas no interior de nossa arquidiocese, e que mereceram depois comentários em seu livro, Notas e Lápis, caracterizavam-se pela simplicidade de que se revestiam.

Em 1944, promoveu a Semana do Papa, que contou com a presença de todos os bispos de nossa Província Eclesiástica, e onde conferencistas de renome se fizeram ouvir sobre a figura máxima do chefe da Cristandade.

Teria integrado o Sacro Colégio dos Cardeais, se a sua peculiar modéstia não o fizesse declinar por duas vezes da honraria: como Arcebispo do Rio ou S. Paulo, quando do falecimento do Cardeal Sebastião Leme, e de D. José Gaspar de Afonseca, ou como Cardeal Protetor da Congregação Salesiana.

Estas revelações foram feitas por D. Augusto Álvaro da Silva, saudoso Cardeal Arcebispo-Primaz da Bahia, quando esteve na cidade do Crato, participando das bôdas de ouro sacerdotais de D. Francisco de Assis Pires.

Durante o seu longo e profícuo episcopado, teve a colaboração dos bispos auxiliares, designados pela Santa Sé para assessorá-lo no governo da arquidiocese cearense: D. Eliseu Simões Mendes, transferido depois para o Bispado de Mossoró, e, atualmente em Campo do Mourão no Paraná; D. Expedito Eduardo de Oliveira, anteriormente vigário do Carmo e Cura da Catedral, e hoje Bispo de Patos na Paraiba; D. Raimundo de Castro e Silva, que continúa ainda em Fortaleza desempenhando as mesmas funções junto ao atual Arcebispo D. Aluisio Lorscheider.

Renunciando em 1963, D. Antonio de Almeida Lustosa retornou novamente ao seio da sua inesquecível família religiosa em Carpina no Estado de Pernambuco, onde recebeu durante os anos seguintes a visita do clero cearense.

Faleceu no dia 14 de Agosto de 1974, e seu corpo foi sepultado na Catedral de Fortaleza ao lado de D. Manuel da Silva Gomes, seu ilustre antecessor.

5.º BISPO (3.º ARCEBISPO)

D. José de Medeiros Delgado foi o quinto ocupante do sólio cearense e também o que menos tempo permaneceu à frente de nossa Arquidiocese: de 8 de setembro de 1963 a 4 de abril de 1973 quando foi noticiada a aceitação de sua renúncia, e anunciada a escolha de seu substituto, D. Aluisio Lorscheider.

Nordestino da Paraiba, nasceu em 28 de Julho de 1905, na localidade de Timbaúba, no município de Condado. Sentindo a vocação ao sacerdócio, foi admitido no Seminário de João Pessoa, a 4 de Março de 1918, e ali concluiu os cursos de Humanidade e Filosofia.

Viajou em seguida para Roma, onde pretendia fazer a Teologia, mas, depois de dois anos de estudos, por motivos de saúde, regressou ao Brasil, e no Seminário de João Pessoa fez o restante do curso.

Recebeu então, a ordenação sacerdotal, que lhe foi conferida em 2 de Julho de 1929, por D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Arcebispo da Paraiba.

Designado Vigário cooperador da Paróquia de Campina Grande, foi posteriormente removido para as mesmas funções em Bananeiras, com obrigação, ainda de ser capelão do colégio das Irmãs Dorotéias.

Elevado ao cargo de Vigário de Campina Grande, em 7 de Fevereiro de 1931, ali permaneceu até o mês de Maio de 1941, quando o saudoso Pontífice Pio XII o nomeou 1.º Bispo de Caicó, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte. Recebeu a sagração episcopal de D. Moisés Coêlho, sucessor de D. Adauto Miranda no Arcebispado da Paraiba, e por mais de dez anos esteve à frente do Bispado de Caicó, que lhe deve, entre outras realizações, a fundação do Seminário Cura D'Ars e do Ginásio Diocesano Seridoense.

Em 4 de Setembro de 1951, teve a notícia de sua designação para a Arquidocese de S. Luiz no Maranhão, vaga com falecimento de D. Adalberto Sobral. Sua posse na capital timbira ocorreu a 3 de Fevereiro do ano seguinte.

Durante o tempo em que permaneceu na terra de Gonçalves Dias, se notabilizou pelo grande incentivo que deu às obras sociais, fundando cooperativas no vale do Mearim e criando condições de vida para as famílias da região. Batalhou pela criação de novas dioceses na Provincia Eclesiástica do Maranhão e como fruto de seus esforços, figura o Bispado de Viana. Foi o criador da Universidade de S. Luiz.

Com a renúncia de D. Antonio de Almeida Lustosa da chefia da Igreja cearense, foi D. José de Medeiros Delgado designado para Fortaleza, tomando posse do cargo em 8 de Setembro de 1963.

Assumindo a direção de nossa arquidiocese em pleno período do Concílio do Vaticano II, coube ao novo arcebispo a renovação conciliar a serviço do ecumenismo, quando manteve diálogo com as demais igrejas existentes no Ceará.

Muito importante o seu pronunciamento na Igreja Batista de Monte Castelo, em 12 de Março de 1967, quando abordou o movimento do ecumenismo mundial. A construção do Centro de Treinamento Frederico Ponte, local para reunião e, às vêzes de retiro do clero, o Instituto de Ciências Religiosas, a criação das dioceses de Quixadá e Itapipoca, desmembradas do Arcebispado de Fortaleza, e a reabertura do Seminário da Praínha, foram outras realizações em nossa arquidiocese. Foi também na sua gestão que se criou a diocese de Tianguá.

Enquanto permaneceu no Ceará, teve como bispos auxiliares, D. Raimundo de Castro e Silva, que já desempenhava idênticas funções quando de seu ilustre antecessor; D. Gerardo Milleville, atual vigário episcopal das religiosas; D. Miguel Fenelon Câmara, hoje Arcebispo Coadjutor de Maceió, e que foi Vigário capitular quando da sua renúncia ao arcebispado cearense. Em 22 de Fevereiro de 1973, através da imprensa comunicava ao povo cearense a sua renúncia da arquidocese de Fortaleza.

Pouco tempo depois, ou seja, em 4 de abril daquele mesmo ano, a Santa Sé confirmava a sua aceitação e nomeava como seu sucessor D. Aluísio Lorscheider, bispo da diocese gaúcha de Santo Angelo e atual Presidente da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil e da conferencia Episcopal Latino-Americana — CELAM.

Radicando-se em Pernambuco não encerrou as suas atividades religiosas, e a exemplo dos antigos missionários, percorre o nordeste brasileiro, levando a palavra de Cristo aos que o procuram.

6.º BISPO (4.º ARCEBISPO)

D. Aluísio Lorscheider, atual arcebispo metropolitano de Fortaleza, á exemplo de D. Antônio de Almeida Lustosa, também fazia parte do clero regular, pois pertencia à ordem dos franciscanos menores, até a sua elevação ao episcopado, como Bispo de Santo Ângelo no Rio Grande do Sul.

Natural daquele Estado, nasceu em 8 de outubro de 1924, e depois de cursar o seminário dos franciscanos, recebeu o presbiterato, no dia 22 de Agosto, de 1948, sendo então designado lente do Seminário Menor de sua congregação. No Pontificio Ateneu Antoniano em Roma, doutourou-se em teologia; regressou ao Brasil, exerceu durante seis anos o magistério no teologado dos franciscanos em Divinópolis, no Estado de Minas Gerais.

Ali se encontrava, quando em 1958, foi convocado pelo Superior Geral de sua ordem religiosa para integrar o corpo docente do

Pontifício Ateneu Antoniano, em Roma, em cuja universidade havia se doutourado.

Encontrava-se na Cidade Eterna, no desempenho de tão elevada missão, quando recebeu a notícia de que fora escolhido para Bispo da diocese gaúcha de Santo Ângelo, fato este ocorido em 5 de Fevereiro de 1962.

Foi sagrado por Dom Vicente Scherer, Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre, em 20 de Maio daquele mesmo ano, e, no dia 12 de Junho, tomou posse do cargo em Santo Ângelo.

Como Pastor, procurou promover a evangelização mais profunda do povo de Deue e de todos os seus diocesanos. Organizou a pastoral mediante os planos da Pastoral Orgânica, a partir de 1968.

Cuidou dos planos paroquiais e comunitários, com o seu sistemático acompanhamento e revisão. Para controlar as finanças de sua Diocese, organizou uma comissão composta de leigos competentes.

Na Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada a 26 de julho de 1968, foi eleito o seu secretário geral, e, em outra ocorrida no mês de fevereiro de 1971, teve a sua eleição para Presidente da CNBB.

Outros cargos extra-diocesanos de âmbito internacional exigiram os bons ofícios de D. Aluisio Lorscheider: Vice-Presidente da Conferência do Episcopado Latino-Americano — CELAM; Vice-Presidente da Cáritas Internacional; Membro permanente do Sínodo Mundial dos Bispos; Membro da Comissão do Ecumenismo Conciliar e Pós-Conciliar; Membro da "Cor-Unum" e membro da Congregação dos Bispos e dos Religiosos.

Na qualidade de Presidente da CNBB, visitou a Amazônia, onde manteve contactos com os prelados da região, discutindo problemas com que ali se defrontam as missões religiosas e fazendo um apelo às autoridades federais de Brasília, como também aos empresários, sobre a necessidade urgente de um rigoroso planejamento da ocupação daquela área e a maior assistência às obras sociais mantidas naquele meio.

Como Bispo de Santo Ângelo, soube grangear a estima e a admiração de seus diocesanos. Quando da sua partida daquela diocese, assim se expressou a Revista Mensal III, ali editada:

"A Diocese Angelopolitana sente profundamente a perda de seu esclarecido, dinâmico e zeloso Bispo, e aceita com sacrifício e espírito de Igreja, sua transferência para Fortaleza, no Ceará, certa de que ali, encontrando um campo mais vasto de ação, possa fazer um bem ainda maior em prol do Reino de Deus".

Assumiu a Chefia da Igreja cearense no dia 5 de agosto de 1973, em solenidade realizada na Catedral de Fortaleza, com a presença de dois Cardeais e grande número de membros do episcopado nacional.

Manteve os dois bispos auxiliares D. Raimundo de Castro e Silva, e D. Gerardo Milleville, e conseguiu com a Santa Sé a designação de um terceiro, D. Manuel Edmilson da Cruz, que vinha desempenhando as mesmas funções na Arquidiocese de São Luis do Maranhão.

A sua atuação em favor da Arquidiocese de Fortaleza tem sido das mais elogiáveis, e não obstante o desempenho de importantes encargos extra-diocesanos, D. Aluísio Lorscheider vem governando com muito dinamismo a Igreja cearense, visitando constantemente os nossos sertões. Considerado hoje uma figura internacional no mundo religioso, é na opinião de muitos, forte candidato ao Sacro Colégio dos Cardeais, no próximo Consistório já anunciado pela Santa Sé.

Isto acontecendo, será o primeiro cardeal a dirigir a Arquidiocese de Fortaleza, o que vem demonstrar o seu prestígio e valor junto ao Chefe da Cristandade.

II — DOM ANTÔNIO LUSTOSA — O ETERNO SALESIANO

A Arquidiocese de Fortaleza se encontra enlutada com o falecimento de um dos mais queridos Pastores — Dom Antônio de Almeida Lustosa — que durante longos anos ocupou com muita dignidade e honra para nós, a Chefia da Igreja Cearense.

Era natural de S. João Del Rei, em Minas Gerais, onde veio ao mundo no dia 11 de fevereiro de 1886, e sentindo muito cedo a vocação religiosa ingressou no Seminário Salesiano de Lorena.

Ali veio a professar solenemente em 29 de janeiro de 1909, e três anos depois, ou seja, no dia 28 de janeiro de 1912, recebia das mãos de D. Epaminondas Nunes de Ávila, Bispo de Taubaté, a ordenação sacerdotal. Até a sua ascenção ao episcopado, exerceu com muita eficiência e abnegação as suas atividades em diferentes casas de formação que a sua congregação mantinha espalhadas no Brasil.

Durante toda a sua longa existência de um verdadeiro santo, manifestou sempre um especial carinho pela sua ordem e disto temos inúmeras provas. Quando aluno salesiano em Baturité, presenciei mais de uma vez a sua ida àquela cidade, em Visitas Pastorais ou aos Congressos Eucarísticos ali realizados, e, em vez de se hospedar na Casa Paroquial ou na Escola Apostólica dos Jesuítas,

onde certamente dispunha de melhor conforto e de um clima mais ameno, deixava-se ficar no Ginásio Salesiano Domingos Savio, cujas acomodações eram bem modestas.

Era na Paróquia Salesiana da Piedade que todos os anos se refugiava na data natalícia, fugindo às merecidas homenagens do clero e povo cearense. Ali se sentia talvez mais à vontade do que mesmo em seu Palácio na Praça da Sé.

Seu ingresso no episcopado nacional ocorreu em 4 de julho de 1924, quando a Santa Sé lhe confiou os destinos da diocese de Uberaba no Triângulo Mineiro. Foi sagrado bispo em sua cidade natal, e no dia de seu aniversário, oficiando a imponente solenidade religiosa, o Arcebispo de Mariana, D. Helvécio Gomes de Oliveira, também egresso da sua querida congregação salesiana. Três anos apenas permaneceria naquela diocese, pois a 17 de dezembro de 1928, era transferido para o Bispado de Corumbá em Mato Grosso.

Sobre essa sua transferência da Diocese de Uberaba para Corumbá, Mons. José Quinderé, em seu trabalho intitulado "A HISTÓRIA ECLESIÁSTICA DO CEARÁ" faz merecidos elogios ao saudoso Pastor, pelo seu espírito de obediência e sacrifício:

"Foi ali que S. Exa. deu mostras de que era um verdadeiro filho de São João Bosco, pela obediência à voz do Vaticano, com esse espírito de abnegação e amor ao sacrifício, que o caracteriza. Basta comparar a situação mesológica das duas cidades para se aquilatar o tamanho da renúncia de D. Antônio, quase nos primeiros anos do seu episcopado, que já se anunciava fecundo. Uberaba é em tudo superior a Corumbá, a começar pelo clima ameníssimo em contraposição ao da cidade matogrossense, cuja população cosmopolita, composta de núcleos heterogêneos, é um obstáculo à disseminação do bem e das verdades evangélicas, circunstância que torna árdua e penosa a missão do semeador da Verdade.

Dom Antônio, alma de apóstolo afeito às asperezas da vida monástica, não conhece óbices na prática do bem. E, em Corumbá, teria ficado a vida inteira, se a Santa Sé, conhecendo em toda a sua nitidez o valor moral do grande bispo, não lhe houvesse apontado novos campos de seara mais vasta para a capacidade realizadora do seu valor apostolar."

As suas realizações episcopais e o seu zelo apostolar, fizeram com que menos tempo permanecesse em Corumbá, sendo promovido a 10 de julho de 1931, para o Arcebispado de Belém do Pará, em cuja Catedral foi empossado solenemente no dia 15 de novembro daquele mesmo ano.

Seu trabalho ali foi de um autêntico missionário! Percorreu pastoralmente a sua imensa arquidiocese, visitando regiões inteiramente desconhecidas pelos seus antecessores.

Mais de uma vez foi acometido de impaludismo e béri-béri, doenças típicas da região amazônica, o que a conselho médico, o obrigou a procurar o clima ameno do Ceará para o seu completo restabelecimento. Imprimiu um novo sentido religioso ao Círio de Nazaré, festividade máxima do povo cearense e cuja tradição religiosa remonta a mais de dois séculos e meio. Confiou a direção do Seminário de Belém aos Padres Salesianos seus antigos companheiros de vida religiosa.

Escreveu a biografia de D. Antônio Macedo Costa, um dos seus mais ilustres antecessores no sólio paraense, e também diversos apontamentos sobre a fauna e a flora da Amazônia.

Com a renúncia de Dom Manuel da Silva Gomes do Arcebispado Cearense, foi Dom Antônio Lustosa escolhido seu sucessor a 19 de julho de 1941. Desembarcou em Fortaleza, no dia 5 de novembro, sendo recebido festivamente pelas mais destacadas autoridades de nosso Estado, tendo a frente o então Interventor Federal Menezes Pimentel.

Na Igreja do Pequeno Grande tomou posse às 19,30 horas daquele dia, e, em seu primeiro pronunciamento como Arcebispo de Fortaleza, falou com tanta humildade e simplicidade, que cativou de imediato a simpatia e a admiração do povo cearense.

Teve a desdita de enfrentar logo no ano seguinte a seca de 1942, quando escreveu a sua célebre Carta Pastoral abordando o angustioso problema. O jornal "O Nordeste" contou sempre com o seu decidido apoio e colaboração através de interessantes crônicas em estilo que agradava a todos.

Reconhecendo os seus dotes intelectuais, o "Instituto do Ceará" o admitiu entre os seus membros, na cadeira anteriormente ocupada por Demócrito Rocha. Saudou-o em nome da entidade o saudoso quixeramobiense Dr. Andrade Furtado, uma das figuras maiores do catolicismo cearense.

As Visitas Pastorais realizadas no interior de nossa Arquidiocese e que foram depois comentadas em seu livro "Notas a Lapis", caracterizavam-se pela simplicidade como se revestiam.

Em junho de 1944, promoveu a SEMANA DO PAPA, que contou com a presença de todos os bispos de nossa Província Eclesiástica, e onde conferencistas de renome se fizeram ouvir sobre a figura máxima do Chefe da Cristandade. Se não fosse a sua peculiar modéstia teria integrado o Sacro Colégio dos Cardeiais, pois, por duas

vezes declinou da grande honraria: como Arcebispo do Rio ou São Paulo, quando dos falecimentos de D. Sebastião Leme e Dom José Gaspar de Afonseca, titulares daqueles Arcebispados, e como Cardeal Protetor da Congregação Salesiana.

Estas revelações foram feitas pelo Cardeal Primaz da Bahia, D. Augusto Alvaro da Silva, quando participou na cidade do Crato, das Bodas de Ouro Sacerdotais do Bispo D. Francisco de Assis Pires. Renunciando ao Arcebispado Cearense em 1963, Dom Antônio Lustosa retornou a sua inesquecível congregação religiosa, onde levou uma vida de um exemplar filho de S. João Bosco, até que a Vontade Divina o levou para a Pátria Eterna!

O Arcebispado de Fortaleza promoveu a vinda dos seus restos mortais para sepultamento em nossa Catedral, prestando antes as mais tocantes homenagens que tiveram a participação das nossas autoridades e do povo católico do Ceará.

Dom Lustosa na Mansão Celestial ao lado de S. João Bosco, S. Domingos Sávio, Veneráveis Miguel Rua, André Beltrami, Augusto Czartoriski e outras figuras santas do mundo salesiano, há de derramar sempre as suas bênçãos para o povo cearense, ao qual serviu com tanta abnegação e amor, durante o seu longo e profícuo episcopado na Terra da Luz!

III — PADRE JACINTHO BEZERRA NA HISTÓRIA DE QUIXERAMOBIM

Decorre no dia 11 de dezembro de 1974, o centenário de falecimento do Padre José Jacintho Bezerra Borges de Meneses, antigo vigário interino de Quixeramobim, onde sua presença se encontra ligada a quase todos os acontecimentos históricos da nossa terra natal, no segundo e terceiro quartel do século passado.

Natural de Riacho do Sangue, hoje município de Jaguaretama, ali veio ao mundo pelos idos de 1823, na Fazenda Santa Bárbara, e teve como pais o Major José Bezerra de Meneses e D. Anna Bezerra de Meneses. Sua genitora era filha do Cel. Antonio Bezerra de Souza Meneses — O Revolucionário — que tomou parte ativa na Confederação do Equador, sendo posteriormente preso e condenado ao degredo, não cumprindo a pena por ter falecido antes.

Ingressando no Seminário de Olinda, veio a tomar ordens sacras em 1846, sendo nesse mesmo ano designado coadjutor e posteriormente vigário interino de Quixeramobim, cujo titular Cônego Antonio Pinto de Mendonça se encontrava como deputado da nossa

Assembléia Provincial, licenciado portanto das funções paroquiais. Durante a sua permanência naquela Freguesia (maio de 1846 a 31 de agosto de 1860) diversos acontecimentos históricos tiveram lugar em seu paroquiato, integrando assim o ilustre sacerdote a crônica quixeramobiense.

Vejamos então:

Aos 28 de janeiro de 1849, nascia uma criança do sexo masculino, filha do comerciante José de Amorim Garcia e de sua mulher Ana Senhorinha da Invenção. Levado à pia batismal da Matriz de Santo Antonio, a 10 de fevereiro do mesmo ano, ali recebia o nome de José, tendo oficiado o ato o Vigário Interino Padre José Jacinto Bezerra Borges de Meneses e figurando como padrinhos Francisco Nogueira Marinho e Maria Senhorinha.

O recém-nascido José não foi mais tarde outra figura senão o Comendador José Nogueira de Amorim Garcia, um dos maiores vultos de Quixeramobim, que tanto batalhou pelo seu progresso, responsável pela implantação da antiga Estrada de Ferro de Baturité e barbaramente assassinado na véspera de sua inauguração. Seu nome foi perpetuado com uma estátua na principal praça de Quixeramobim.

Outro acontecimento de grande repercussão em sua época, na história quixeramobiense, foi o bárbaro crime atribuído a Maria Francisca de Paula (Marica Lessa) que mereceu romance de Oliveira Paiva, sob o nome fictício de D. GUIDINHA DO POÇO, e muitos anos depois desvendado pelo saudoso conterrâneo Ismael Pordeus em seu beneditino trabalho intitulado "A MARGEM DE D. GUIDINHA DO POÇO".

O sepultamento da vítima, Cel. Domingos Victor de Abreu Vasconcelos, assassinado, segundo dizem, a mandado de sua própria esposa Marica Lessa, foi oficiado pelo Padre Jacintho Bezerra como bem prova o assentamento abaixo:

> "Aos vinte de Septembro de mil oitocentos e cincoenta e tres falliceo da prezente vida assacinado nesta villa de Quixeramobim o Coronel Domingos de Abreo e Vasconcellos de idade de cincoenta e dous annos cazado com Maria Francisca de Paula e foi sepultado nesta Matriz no corredor em humas catatumbas e, com o hábito de Nossa Senhora do Carmo, e por mim foi solenemente encomendado; do que para constar mandei fazer este assento que assino. O vigário interino — José Jacintho."

Em 7 de janeiro de 1857, realizava-se em Quixeramobim o casamento de Antonio Vicente Mendes Maciel, o discutido Antonio Conselheiro, autor do drama de Canudos que tanta celeuma causou ao Brasil nos primeiros anos de regime republicano, e novamente vamos encontrar a presença do Padre Jacintho Bezerra no ato religioso:

"Aos sete dias do mês de Janeiro de 1857, nesta Matriz de Quixeramobim, pelas oito horas da noite, depois de preenchidas as formalidades de direito, assisti a receberem-se em matrimonio e dei as bençãos nupciais aos meus paroquianos Antonio Vicente Mendes Maciel e Brasilina Laurentino de Lima, naturaes e moradores nesta freguesia de Quixeramobim, esta filha natural de Francisca Pereira de Lima e aquele filho legítimo de Vicente Mendes Maciel e de Maria Joaquina do Nascimento, ambos já falecidos, sendo dispensados do impedimento de terceiro grau atinente ao segundo, da consaguinidade lateral desigual; foram testemunhas José Raimundo Façanha e Pedro José de Matos; do que para constar mandei fazer este assento que assigno.
O vigário interino — José Jacintho Bezerra."

Não existia em Quixeramobim cemitério e foi durante o seu paroquiato que tomou a iniciativa de solicitar ao Presidente da Província a construção de um campo santo para os mortos. Transcrevemos um trecho de seu ofício de 25 de março de 1853, àquela autoridade:

"Aproveito esta ocasião para implorar a V. Excia. um quantitativo para a ereção de um cemitério de que há grande necessidade não só para acabar com o costume indecente de se sepultar nas Igrejas, de que resulta inconvenientes."

A obtenção de recursos foi conseguida mais tarde pelo Cônego Pinto de Mendonça junto ao Presidente Pires da Mota, mas a idéia pioneira partiu do Pe. Jacintho Bezerra que foi inclusive designado responsável pela construção da obra.

Esse sacerdote era irmão da minha bisavó materna Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco e também do Desembargador Francisco de Assis Bezerra de Meneses, um dos primeiros magistrados que integraram o Tribunal de Relação do Ceará. Faleceu em Quixeramobim, em 11 de dezembro de 1874 e se encontra sepultado no cemitério daquela cidade por cuja construção ele tanto batalhou.